

LEONARDO BOFF

Ecoteólogo, escritor e filósofo

A IA: expressão suprema do paradigma da modernidade

O tom geral da encíclica Magnifica Humanitas do Papa Leão XIV é de modo geral positivo. Chega até a ver a IA como um instrumento a serviço do ato criador de Deus. Mas dá-se conta dos riscos e ameaças que ela pode representar. Ao largo e ao longo de toda a sua exposição lança a pergunta fundamental: que imagem de ser humano ela pressupõe e alimenta? Que tipo de sociedade quer construir? Não se trata apenas de verificar se seus efeitos são benéficos ou maléficos. Trata-se de identificar e submeter à crítica seus pressupostos antropológicos e sociais. Se melhoram ou não a condição humana e se introduzam uma maior justiça social a nível planetário.

1.A CENTRALIDADE DA RAZÃO COMO VONTADE DE PODER E DE CONTROLE

Eu diria que a IA comparece como a expressão mais alta do paradigma da modernidade. Seus pais fundadores, Descartes, Newton, Copérnico, Francis Bacon e outros colocaram como valor axial a razão. Mas não qualquer razão. A razão a serviço do poder como dominação de pessoas, classes, países (colonialismo) e principalmente da natureza. Famosa é a frase atribuída a Francis Bacon, o fundador do método científico: “devemos torturar a natureza como o esbirro faz com sua vítima, até arrancar-lhe todos os segredos”.

A razão foi logo traduzida numa prática e assim deu origem à tecno-ciência que domina a nossa história até os dias de hoje, encontrando seu point d’honneur na IA.

Esta centralidade da razão (ratio e logos), se serviu especialmente da física e da matemática, categorias válidas, mas incapazes de captar adequadamente a natureza dos seres vivos. Esse paradigma dificilmente integrou outras dimensões humanas, como a do coração (éros e péthos) que representam o mundo das excelências, do amor, da amizade, da compaixão, da ética e da espiritualidade.

Levada a seu extremo, criou seres humanos com uma espécie de lobotomia: tornaram-se insensíveis aos valores intangíveis, especialmente, a compaixão para com os que sofrem, a observância dos direito humanos, o respeito e o cuidado para com a natureza.

Para esses pais fundadores, o mundo natural não possui sentido em si a não ser quando posto a servi-

ço dos seres humanos. Da mesma forma a Terra que, na tradição dos povos, sempre foi tida como a Grande Mãe, a geradora de toda a vida, a Pachamama dos andinos e a Gaia dos modernos. Tais pensadores a consideraram apenas como uma res extensa, uma realidade estensa e um reservatório de recursos, do qual se pode criar e acumular riqueza.

Esta cosmologia subjaz à IA. Ela é a razão desencarnada e desgarrada do corpo, por isso, artificial. Também dos sentimentos reais e não apenas virtuais, das situações existenciais da condição humana como a alegria, a tristeza, a decepção, o sofrimento e o amor que exige presença real, a carícia e o afeto sensível e não apenas virtual. Nisso reside a limitação de todas as plataformas da IA. Elas podem falar do amor, suscitar no usuário, sentimentos amorosos, mas não é ela que lhe enxuga as lágrimas, que garante fidelidade e lealdade do amor real.

Há vários tipos de IA, cada qual a serviço de certos propósitos. O Papa se refere às ameaças que elas podem representar, todas praticamente de domínio privado, ao menos no Ocidente. Neurólogos como Miguel Nicolelis tem observado que neurônios celebrais estão sendo negativamente afetados pelo excesso de exposição à ondas eletromagnéticas. Steven D.Shaw cunhou uma expressão assumida pela comunidade científica: a rendição cognitiva.

Essa rendição significa que mais e mais pessoas renunciam a pensar por elas mesmas e delegam à IA o pensamento pessoal e se fazem seguidores de seus comandos. Assim não o faz a inteligência natural que é reflexa, inclui a dúvida, a incerteza, a busca e o real que faz resistência e está continuamente mudando.

Politicamente esta delegação pode permitir que os extremismos tomem conta da sociedade. Na linguagem do exímio intelectual francês Jacques Attali, “a barbárie poderá ser provável; o político” - afirma ele – “é como uma rolha flutuando à deriva na tempestade das paixões”.

2. OS RISCOS DA IA AUTÔNOMA

Extremo risco representa a IA Autônoma com seus bilhões e bilhões de algoritmos. Foi delegado a ela decisões que escapam ao controle humano. Podemos dele-

gar nosso destino sem renunciarmos à nossa liberdade de fazermos o nosso próprio caminho? Essa é questão filosófica e antropológica da maior gravidade. Os humanos acabam renunciando ao que é intrínseco à sua humanidade: a liberdade de fazer a sua própria história.

Ela pode internamente tomar decisões que prejudicam porções da humanidade. No seu limite, pode considerar que a inteira humanidade ou grande parte dela representam um obstáculo a sua própria reprodução e desenvolvimento e decida eliminá-la. Uma vez construída, dificilmente pode ser posta sob algum controle. Ela capta esse intento e se antecipa montando as suas defesas.

Especialmente a IA Palantir cabe aqui ser citada e também denunciada. No lugar da Anthropos cujo fundador foi Dario Amodei, uma das maiores plataformas, possuía alguns parâmetros éticos a ponto de renunciar às duas solicitações feitas pela Administração de Trump que a havia contratado: de controlar o mais possível a população norte-americana e fazer uso bélico dela. Ela negou-se prontamente a esse uso. Em seu lugar entrou imediatamente a Palantir, a mais perversa de todas, pois sua meta não é tanto econômica nas de poder controlar o mais possível inteiras populações e permitir seu uso para fins bélicos. Isso foi feito com precisão na Faixa de Gaza por parte do exército israelense e na guerra dos USA contra o Irã.

Por este simples exemplo, podemos nos dar conta a que pode levar a exacerbação da razão humana, separada da totalidade complexa e multifacetada do humano, a ponto de pôr a civilização e a vida em risco.

Mas cremos ainda da razoabilidade da razão, submetida a uma instância mais alta, à sabedoria existencial, que poderá impedir que a razão seja totalmente irracional ao construir um meio de autodestruição. A vida se mostrou sempre mais forte contra todos os ataques que no processo evolucionário e histórico se fizeram contra ela. Por isso a esperança nunca pode ser abandonada. A alternativa a ela seria o suicídio, que jamais teria a última palavra. Vale o esperar de Paulo Freire, vale dizer, criar as condições e meios para a esperança se tornar viável e vencedora. Todas as plataformas de IA estariam a serviço da vida e de sua expansão.

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre e doutorando em Gestão e Políticas Públicas pela FGV

Por que temos dificuldade de pedir ajuda?

Ninguém conta derrota. Nem eu, que escrevo este texto.

Às vezes, no entanto, é necessário dizer o que sentimos para aliviar um pouco aquele peso nas costas. A escuta já basta. Às vezes, queremos apenas falar até o fim e sentir que alguém está realmente ouvindo.

Cresci ouvindo que homem não chora. Sempre fiz o contrário. Por sorte, encontrei na minha mãe um lugar de afago. Era a ela que eu pedia ajuda. E ainda peço. Minha mãe é minha confidente. Nunca me fez sentir que eu estava incomodando.

Paraibana arretada, dona Valdete é uma excelente conselheira. Não raro, dou seu telefone a amigos que também precisam de alguém para conversar. Intuição de mãe costuma enxergar o que a gente ainda não consegue ver.

Nem todo mundo, porém, encontra com facilidade um lugar assim.

Conheço muita gente que prefere guardar para si o que sente. Alguns mudam de assunto. Outros dizem que está tudo bem antes mesmo que alguém pergunte. Não é falta de gente por perto. É falta de certeza de que serão ouvidos.

Pedir ajuda exige confiança. Quem fala se expõe. Entrega ao outro uma parte da vida que ainda está desorganizada. E corre o risco de receber uma resposta apressada, um julgamento ou um conselho que não

pediu.

Talvez por isso tanta gente ensaie uma conversa várias vezes e desista antes de começar. A pessoa pega o telefone, escreve uma mensagem, apaga. Não quer preocupar, incomodar ou parecer fraco. Quando percebe, está tentando administrar sozinha algo que já se tornou grande demais.

Eu peço ajuda sempre que preciso. Mas coloco amigos e parentes em caixinhas de demandas. Se organizar direitinho, não sobrecarrego ninguém.

Sofrimento não segue cronograma. Há dias em que a mesma angústia volta. Há problemas que não se resolvem depois de uma conversa. E quem pede ajuda nem sempre precisa de uma frase nova. Pode precisar apenas de alguém que continue ali.

Às vezes, porém, mesmo esse alguém não é suficiente. Há dores que pedem mais do que boa vontade: pedem acompanhamento profissional.

Entre os homens, esse silêncio começa cedo. Aprende-se a suportar, esconder e seguir em frente. A fragilidade passa a ser tratada como defeito. Pedir ajuda, então, parece uma confissão de fracasso. Não por acaso, pesquisa do Instituto Cactus com a AtlasIntel mostrou que 65% dos homens afirmam não ter procurado ajuda profissional para lidar com a ansiedade.

Há ainda a questão do acesso. Psicoterapia não é como marcar um dentista. Onde procurar? Quanto

custa? Tem no SUS? Para muita gente, essas perguntas ficam sem resposta — e o silêncio continua.

Faço terapia, ao todo, há 18 anos ininterruptos. Comigo, foi diferente, mas não fácil. Houve um momento em que eu precisava falar e não sabia com quem. Foi assim que cheguei à terapia. Encontrei Mônica no livrinho do plano de saúde — não existia consulta online naquela época.

Passei anos frequentando o Largo da Segunda-Feira, na Tijuca, onde ficava seu consultório. Foram dez anos como minha confidente profissional. Depois dela, busquei outros psicólogos, mas nunca fiquei sem essa ferramenta.

O que ela me deu não foi apenas um espaço para falar. Foi a capacidade de me escutar, de me entender, de me conhecer.

Nem toda pessoa vai acolher a nossa dor. Algumas não se dispõem a ocupar esse lugar. Outras até querem ajudar, mas não percebem que, às vezes, acolher é apenas escutar. E escutar é uma arte.

Lembrei de uma amiga, a Lohana, que escutava também com o olhar. Seus olhos, muito azuis, me olhavam como se ao mesmo tempo pegassem minhas duas mãos. Coisa de afeto.

A pergunta que dá título a este texto tem várias respostas. Mas quando alguém escuta de verdade, a resposta deixa de importar.